

O ESTADO DA ARTE DA TRADUÇÃO DO HUMOR NO BRASIL

Tiago Marques Luiz¹

Resumo: A tradução do humor é um campo de pesquisa que tem suscitado inquietações em pesquisadores das áreas de Comunicação, Artes e, conseqüentemente, Tradução. Sem uma definição plausível de como conceituar o fenômeno complexo do humor, este texto visa elaborar reflexões acerca do estado da arte da tradução do humor em alguns meios semióticos, principalmente a literatura, no tocante à tradução interlingüística, e também na própria tradução intersemiótica, em que se redimensiona o conteúdo verbal para outra ou outras linguagens, como audiovisual, a pictórica ou a plástica, por exemplo. As reflexões aqui apresentadas não pretendem esgotar o tema, tampouco delimitar um eixo a ser seguido pelos pesquisadores, que devido à natureza plural do humor e também da tradução encontram múltiplas possibilidades teórico-críticas em suas investigações.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Tradução do humor; Estado da arte; Literatura; Linguagens Semióticas.

The State of the Art of Humor Translation in Brazil

Abstract: The translation of humor is a field of research that has raised concerns among researchers from the fields of Communication, Arts and, consequently, of Translation. Without a plausible definition of how to conceptualize the complex phenomenon of humor, this text aims to elaborate reflections on the state of the art of humor translation in some semiotic media, especially the literature regarding interlinguistic translation and also in the intersemiotic translation itself, in which resizes the verbal content to an audiovisual, pictorial or plastic language. The reflections presented here do not intend to exhaust the theme, nor to delimit an axis to be followed by researchers, due to the plural nature of humor and also of translation.

Keywords: Translation Studies; Humor translation; State of art; Literature; Semiotic Languages

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O campo dos Estudos da Tradução tem se consolidado a partir do texto seminal de James Holmes (1972), que versava sobre o nome e a natureza desse campo do conhecimento. No decorrer do século passado, novas correntes surgiram, atribuindo distintas definições ao ofício tradutório, tais como os estudos descritivos, o funcionalismo alemão, a pragmática e os estudos culturais, por exemplo. Não se limitando somente ao campo teórico, a tradução somou

¹ Instituto Federal de São Paulo - campus Capivari. (tiago_markx@vahoo.com.br)

novos objetos de pesquisa em seu núcleo, desde a tradução literária à tradução de mídias, suscitando outras pesquisas entre teóricos, pesquisadores e críticos vinculados a campos de conhecimento como a Literatura, a História, o Teatro, a Antropologia e a Comunicação, amparados pelo seu aporte teórico-metodológico específico, mas sempre agregando instrumentais de outras áreas, produzindo como resultado o enriquecimento da análises e das percepções de determinados objetos.

Nesse cenário, um campo que tem demandado um estado da arte é a tradução do humor, cuja situação dos estudos no Brasil merece um novo artigo por suas particularidades. Com isso em vista, este artigo pretende funcionar como uma sistematização das pesquisas realizadas sobre o assunto, que sirva de referencial a novos estudiosos do tema.

O ESTADO DA ARTE DA TRADUÇÃO DO HUMOR NO BRASIL

Como se pode perceber, as reflexões que aqui se apresentam não pretendem esgotar o tema, muito menos delimitar um eixo teórico para esta relação tão cara aos pesquisadores, pois, ao se tentar fazer isso, acabaria se desconsiderando outros campos do conhecimento que têm se debruçado sobre a manifestação do humor. Felizmente, um campo de pesquisa denominado Estudos de Tradução do Humor (*Humor Translation Studies*, no original), termo cunhado por Marta Mateo e Patrick Zabalbeascoa (2019), tem se consagrado, e é a ele nos filiamos. Segundo Mateo e Zabalbeascoa (2019), a invisibilidade é um termo proposto por Lawrence Venuti em suas obras *Escândalos da Tradução* (2019) e *Invisibilidade do Tradutor* (2021) e adotado pelos estudiosos da tradução do humor. No entanto, tem se visto um movimento de visibilidade da figura deste profissional em seu ofício – seja na literatura, no teatro ou em qualquer outra linguagem, legitimando seu papel no processo criativo como (co)autor da obra que recebemos.

Transitando da piada – gênero textual que consagrou o humor na esfera da comunicação – ao teatro e às novas mídias, o humor tem trazido temas provocativos como o tabu, a censura e o estereótipo, por meio de técnicas como dublagem e legendagem, por exemplo, além do próprio aparato verbal da língua, como a paronomásia, os palavrões, os jogos de palavras, as ambiguidades, a ironia e a poética, uma vez que não se encaixa em um único tipo de verso ou métrica.

Sobre o tema humor em si, lembremos das contribuições de Sírio Possenti (1998, 2010), Luiz Carlos Travaglia (1989, 1990, 1995), Ana Cristina Carmelino (LINS; CARMELINO, 2009, 2015), pesquisadores que desenvolveram pesquisas amparados pelas correntes da linguística com gêneros textuais variados, desde a piada à história em quadrinhos, como também sobre suas aplicações ao ensino de língua materna. Sobre as histórias em quadrinhos, tanto Paulo Ramos (2011) como Roberto Elísio dos Santos (2012, 2014, 2015) se consagraram na crítica especializada sobre o tema. Santos ainda expandiu seu horizonte teórico, aplicando as considerações sobre a teoria do humor nas mais variadas mídias (SANTOS, 2012).

No campo específico dos Estudos da Tradução, Robert Schmitz (1996; 1998²) e Aداuri Brezolin (1997) escreveram artigos, discutindo sobre a (in)traduzibilidade e o ensino da tradução do humor no par português-inglês em contexto de ensino superior. O argumento que defendemos é o de que o “estudo do humor por parte de alunos de tradução, possibilita o aprofundamento da sensibilidade lingüística e cultural dos mesmos” (SCHMITZ, 1996, p. 87), porém “a tradução de humor sempre será uma tarefa difícil, tão difícil quanto traduzir qualquer outro tipo de texto, porém praticável” (BREZOLIN, 1997, p. 17). Concordamos com o argumento de ambos os pesquisadores, no sentido de que aprender o humor de um idioma estrangeiro enriquece a competência comunicativa dos acadêmicos enquanto leitores, como também a tradução do humor instigará cada vez mais pesquisas nos fenômenos lingüísticos envolvidos, como também seus aspectos socioculturais e ideológicos.

Tal como observa Rosemary Arrojo (1992), “qualquer tradução, por mais simples e despreziosa que seja, traz consigo as marcas de sua realização: o tempo, a história, as circunstâncias, os objetivos e a perspectiva de seu realizador” (ARROJO, 1992, p. 78). No caso de uma piada, o efeito desejado é o riso, contanto que haja uma preocupação do tradutor em transmitir essa piada, seja oral ou escrita. Se ela for oral, aspectos como a voz, a caracterização e a interação dos falantes são cruciais para a compreensão do conteúdo verbal que é expresso.

Aprendemos o humor da nossa língua, mas quando se trata de conteúdos cômicos provenientes de outro idioma, o empenho de traduzir aumenta, pois se

²O artigo de 1998 segue como uma réplica ao texto de Brezolin, publicado em 1997.

trata de aspectos lexicais, fonéticos, semânticos, fonológicos e morfológicos, ou seja, aspectos estruturais da língua, os quais serão redimensionados em um determinado gênero, seja ele literário, dramático ou audiovisual. Pensando que traduzimos o humor para um determinado público, é preciso ter em mente como é esse público, com que tipo de linguagem ele é familiarizado, qual gênero faz parte de seu repertório e qual é seu conhecimento de mundo. Não é uma tarefa simples, porém não é impossível.

Do levantamento de pesquisas brasileiras sobre a tradução do humor verbal, Marta Rosas (2002) se dedicou ao estudo de piadas, amparada pela teoria do escopo, oriunda do funcionalismo alemão, cujos expoentes são Hans Vermeer e Katharina Reiss, depois revisitados por Christiane Nord. Rosas escolhe piadas em língua inglesa e fornece traduções tanto literais como também funcionais, no sentido de que elas atingem o propósito de despertar o riso no leitor. Em alguns casos, quando se trata de estereótipos, é preciso haver uma adaptação ao estereótipo da cultura de chegada, pois o *alvo* é diferente nas culturas americana e brasileira. Em um artigo posterior à publicação do seu livro, Rosas é categórica ao relacionar “a *indissociabilidade entre o elemento lingüístico e o cultural, a função do texto traduzido e o papel de intérprete que cabe ao tradutor* no cumprimento de sua tarefa” (ROSAS, 2013, p. 134, grifos no original)

E complementa que o que está em jogo nessa negociação de sentidos na tradução são

o contexto e sua interpretação, sua recepção, fatores que se revestem de importância fundamental nos estudos tanto do humor como da tradução. Hoje se admite que a interpretação não pode deixar de estar em função de condicionantes culturais, econômicos, sociais, ideológicos, históricos e, igualmente, por toda sorte de idiosincrasias de seus agentes (ROSAS, 2013, p. 137).

Portanto, traduzir humor não pode ser um processo simplificado a uma transposição interlingüística, pois além das diferenças entre os códigos lingüísticos envolvidos, entram em jogo a perspicácia e a criatividade do tradutor ao lidar com um texto de natureza humorística, mediando o contato entre o autor e o leitor imaginado.

No domínio da Literatura, Andréa Cesco (2007) faz um trabalho comparativo da obra *Sueños*, do autor espanhol Francisco de Quevedo y Villegas, com suas traduções para o português do Brasil, o inglês e o francês, sinalizando “quais são as soluções empregadas pelos tradutores para algumas passagens e palavras isoladas e não declara[ndo] que alguma delas é definitiva” (CESCO, 2007, p. 118). Após uma contextualização do movimento do Barroco no Brasil, Portugal e Espanha, a autora articula o escritor espanhol com Gregório de Matos e Padre Antônio Vieira, representantes do Barroco brasileiro e português, respectivamente, mostrando que não apenas aspectos linguísticos (predominantes da teoria da tradução) estão envolvidos, mas também aspectos estilísticos e estéticos são importantes na tradução do humor — no caso de Quevedo, sua sátira é direcionada às variadas instâncias da sociedade espanhola.

Após o cotejo das três traduções com o texto espanhol, além de apresentar um estudo crítico sobre cada tradutor, a autora conclui que cada tradutor tem seu projeto e sua crítica demarcados, o que lhe permite dizer que deve se estabelecer um caráter construtivo da crítica de traduções, ou seja, uma crítica que abarca a tradução enquanto produto e o profissional tradutor e o seu direito de voz, enfim, “uma crítica fundada no diálogo, na relação construtiva com a tradução e na construção de um espaço comum que torne possível essa relação” (CESCO, 2007, p. 179).

No domínio da tradução de teatro, destacamos o trabalho de cotejo do texto dramático-fonte com sua tradução. Da gama de pesquisas aqui consultadas, Márcia do Amaral Peixoto Martins (1999) faz um levantamento de traduções da peça *Hamlet*, de William Shakespeare, no Brasil, que ora optam pela prosa, ora pelo verso e, a partir deste levantamento, descreve cada tradução e tece críticas contundentes referentes ao projeto de cada tradutor. Outro nome que também merece destaque na academia no campo da tradução teatral é o de Ana Maria César Pompeu (2000), com pesquisas voltadas ao teatro de Aristófanes, um dos grandes nomes da comédia clássica.

No campo da pesquisa da tradução do humor no teatro, destacamos Tiago Marques Luiz (2013), o qual, amparado pelos Estudos Descritivos da Tradução e a Teoria Geral do Humor Verbal (ATTARDO, 2002), compara a cena dos coveiros da peça trágica *Hamlet*, de William Shakespeare, com as traduções de Millôr Fernandes e Carlos Alberto Nunes. Considerando a referida cena como alívio cômico da peça trágica, Luiz observa os “recursos

textuais e discursivos passíveis de gerar o riso presentes no original e como estes elementos foram transpostos nas traduções da referida cena na peça shakespeariana” (LUIZ, 2013, p. 11). Após discorrer sobre as perdas e compensações de cada tradutor para com o texto-fonte inglês, Luiz pondera que, apesar de haver enunciados humorísticos que possam ser traduzidos de forma literal e suscitar o humor, a maioria “exige do profissional da tradução um manejo com a língua que lhe permita inferir, no caso do humor, os elementos responsáveis pela construção do cômico”. Portanto, nessas situações “são necessárias estratégias para reconstruir o humor na língua alvo, pois há casos em que os significados simplesmente não são transferíveis”, sendo por vezes necessário recorrer à adaptação (LUIZ, 2013, p. 103).

Na relação com a encenação, melhor dizendo, da tradução para o palco — que vai ao encontro da chamada tradução intersemiótica —, Marina Farias Martins (2012) e Carlos Roberto Mödinger (2006) analisaram a correspondência entre os textos cômicos de William Shakespeare — a saber, *A Megera Domada* (Martins) e *Sonho de Uma Noite de Verão* (Mödinger) — e suas traduções para o palco brasileiro. Nessa relação, aspectos semióticos como a caracterização dos atores, a maquiagem, o cenário, a indumentária, a trilha sonora, a estética teatral adotada e a atuação do diretor são papéis importantes para a concretização do processo. São analisadas as encenações feitas pela Companhia Rústica de Teatro, dirigida por Patrícia Fagundes, e a encenação do Grupo Província (Mödinger), acompanhadas de críticas e observações dos pesquisadores sobre o processo criativo e sobre a recepção das encenações.

As pesquisas de Martins e Mödinger convergem para a observação de Ruffini de que existe uma diferenciação entre o que é escrito no papel e o que é transposto no palco, ou seja, “o pólo pobre e o pólo rico do relacionamento em ação. Esta visibilidade geralmente termina no momento da representação, isto é, quando o processo de construção está completo” (RUFFINI, 1995, p. 242).

Além do cotejo entre texto-fonte e texto-traduzido acompanhado de uma crítica de tradução, surge o movimento da tradução anotada e comentada enquanto um gênero acadêmico bastante adotado nas universidades brasileiras, como a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade de São Paulo, a Universidade Federal do Ceará e a Universidade de Brasília. Por tradução comentada, citamos Marie-Hélène Torres, pesquisadora de literatura francesa traduzida, que a define como um gênero que “explica e teoriza de forma clara e

explícita o processo de tradução, os modelos de tradução e as escolhas e decisões feitas pelos tradutores” (TORRES, 2017, p. 15).

Segundo a autora, amparada pela teorização de Antoine Berman, a tradução e o comentário de tradução estabelecem uma relação intercambiável. Para ela, “*traduzir e comentar* remetem a um olhar comparatista e historicista. Traduzir e comentar, ao meu ver, não são duas ações tão distintas, pois podem ser intercambiáveis”, como também é pontual ao afirmar que tradução e comentário de tradução estabelecem “*relações de similaridade e de diferença*”. O comentário pode anteceder a tradução. Pode também a suceder” (TORRES, 2017, p. 16, grifos no original). Em uma perspectiva comparatista, estamos cotejando traduções, tecendo comentários e críticas dessas traduções, para, a partir delas, elaborarmos nossos comentários e críticas, visando uma nova tradução, um novo original.

Sobre pesquisas de tradução comentada do humor, Luciana Kaross (2007) desenvolve uma tradução anotada e comentada da comédia *The Importance of Being Earnest*, de Oscar Wilde. Após cotejar as traduções de Guilherme de Almeida e de Oscar Mendes e realizar a sua própria tradução, Kaross destaca a relevância de o tradutor de humor “identificar o vértice no qual as duas culturas se encontram e, dentro da categoria identificada, procurar por uma solução que satisfaça o original com a menor perda possível de significado” (KAROSS, 2007, p. 114). Além disso, a estudiosa tece uma observação importante sobre traduzir textos humorísticos em formato impresso, como as peças teatrais: o tradutor não pode se abster do ritmo das falas e da fluidez das mesmas no texto, devendo apresentar o texto “de forma que sua leitura *aparente* ser a reprodução de uma fala. Essa *aparência de naturalidade* é criada pela utilização de palavras comuns da língua de chegada e de estruturas de uso corrente pelos falantes” (KAROSS, 2007, p. 114, grifos meus).

Kaross acaba indo ao encontro da reflexão de Torres de que tradução e comentário “têm em comum essa qualidade incoativa – que se refere ao que inicia, que começa –, sempre em processo, nunca acabado, num outro espaço e tempo, com outros leitores, outras línguas/culturas” (TORRES, 2017, p. 17). Ciente de que o humor verbal inglês não é o mesmo que o brasileiro, cabe ao tradutor equilibrar essas nuances linguísticas (trocadilhos, metáforas, alusões, figuras de linguagem) para que o texto de partida, ao ser traduzido, desperte o efeito desejado no público-alvo: o riso, a gargalhada, tal como ele surtiu no contexto de sua produção.

Seguindo da mesma vertente da tradução comentada, Daniel Padilha Pacheco da Costa (2018ab) propõe tradução dos jargões e dos socioletos presentes na poesia de François Villon, poeta da literatura francesa medieval. A estrutura poética de Villon consiste na estrutura da chamada balada comum, acrescentada de um jargão, que representa “as funções ideológica, mimética e críptica de seu socioleto literário” (COSTA, 2018b, p. 534). Após fazer uma apreciação das traduções existentes em francês, inglês e português, sejam elas integrais ou parciais, Costa desenvolve uma tradução poética de autoria sua, buscando reproduzir a estrutura da balada presente no texto francês e a função que o jargão exerce. O jargão francês medieval, segundo o autor e tradutor, consistia num repertório lexical de uma instância social; Villon pertencia ao grupo dos Coquillards (um grupo de ladrões) e, sendo membro de uma quadrilha, essa se valia de um vocábulo específico “para nomear e executar determinadas práticas criminosas em sua linguagem específica” (COSTA, 2018b, p. 535). Segundo Costa, os jogos de palavras presentes no jargão francês de Villon apresentam homonímias e paronímias tanto do francês como do jargão em sim, instigando o tradutor a “inventar novos jogos de palavra em língua portuguesa. Nem sempre isso foi possível, até porque a função críptica é apenas uma das funções que, juntamente com a ideológica e a mimética, aquele socioleto literário desempenha” (COSTA, 2018b, p. 548).

Logo, variantes dialetais suscitam questões pertinentes de tradução, ainda mais quando se trata um período como a Idade Média, cujos vocábulos caíram em desuso com a evolução da língua, tornando-se imprescindível uma tradução desse socioleto para a comunidade francófona (COSTA, 2018b, p. 535).

Como bem coloca Torres (2017) nas suas reflexões sobre a tradução comentada enquanto gênero acadêmico, o confronto de traduções existentes de um determinado texto faz com que o estudioso de tradução e o próprio tradutor desenvolvam uma leitura, amparados pelo seu conhecimento de mundo e ideologia sobre o texto. Com isso, o desenvolvimento de um comentário e crítica de traduções não existe “sem leitura, e como há uma multiplicidade de leitura possível, uma polissemia inerente a todo texto, posso afirmar que não existe um só comentário possível/existente. Tradução e comentário são, portanto, críticos” (TORRES, 2017, p. 17).

Outra pesquisa que merece destaque é a de Rafael Ferreira da Silva e Ana Claudia do Nascimento Araújo (2018) sobre a tradução do humor multilíngue no romance *Il ladro di Merendine*, do escritor italiano contemporâneo Andrea

Camilleri. O trabalho de Silva e Araújo se apoia na sociolinguística, dado o fato de que o romance mescla o dialeto siciliano com o italiano e outras línguas, tornando-se um romance híbrido. Segundo os autores, a razão da dificuldade para traduzir esse romance provém das situações risíveis nele apresentadas, levando os autores a “questionar a possibilidade de tradução com seus decorrentes ganhos e suas inevitáveis perdas na reescritura da representação do riso e da identidade cultural siciliana em português brasileiro” (SILVA; ARAÚJO, 2018, p. 84). Após o desenvolvimento de um projeto de tradução do romance, os autores sinalizam que, ao articular língua, identidade e cultura na tarefa tradutória, deve-se observar que o texto-traduzido exerça as mesmas particularidades presentes no texto-fonte, resultando em uma produção literária “que reflete uma cultura específica ou texto escrito em um determinado gênero [que] requer métodos específicos para ser traduzidos, visto que será necessário buscar componentes que rendam o mesmo resultado no novo texto” (SILVA; ARAÚJO, 2018, p. 95, colchetes meus).

Se pensarmos em linguagens como o teatro, o cinema, a televisão e o circo, a encenação do humor é potencializada pela tradução feita pelo ator em cena, enquanto no caso das histórias em quadrinhos, tirinhas, charges, esse potencializador seria a conjugação de imagens e textos verbais. O aparato plástico, elemento intrínseco da pintura, também é capaz de traduzir e expressar o humor neste meio semiótico abstrato. O humor transita, portanto, entre as várias linguagens, não se limitando a um único escopo ou metodologia de análise, o que enriquece as pesquisas neste campo, ao passo que as complexifica. Afinal, a tradução não se limita à transmissão de uma mensagem da língua A para a língua B, mas inclui a reformulação dentro de uma única língua, bem como a noção de alteração também para signos nãoverbais. Se a tradução cria um texto semelhante e reflete um texto pré-existente em outro idioma, por um esforço de imaginação poderíamos argumentar que, em certo sentido, uma tradução contém dois textos em um. Além disso, no que diz respeito à compreensão do humor, o conceito de cultura vai além do tempo e do lugar, considerando também elementos como gênero, classe social, educação, religião e uma ampla gama de interesses diversos (cf. CHIARO, 2009, p. 213).

Uma questão que tem incomodado os estudiosos é o porquê da invisibilidade de tradutores de textos humorísticos. Mateo e Zabalbeascoa nos dizem que parte da resposta reside “nos problemas e deficiências dos Estudos da Tradução e dos Estudos do Humor, apesar da importância social, cultural,

comunicativa e histórica do humor e das práticas de tradução” (MATEO; ZABALBEASCOA, 2019, p. 139, tradução minha³). Temos ciência de que traduzir o humor e apresentar o humor traduzido são operações complexas, em razão das peculiaridades destas linguagens e dos caminhos possíveis para articulá-las de modo que o efeito do texto-fonte repercuta no público-alvo, mas isso não impossibilita uma tentativa de resgatar, reproduzir e repercutir o efeito desejado — a gargalhada.

Tradução e humor tanto compartilham como denotam complexidade em seus respectivos campos de pesquisa. A definição inicial de cada um deles parece simples, mas à medida que se aprofunda cada vez mais em seus respectivos domínios, ela se torna insatisfatória. Essa situação demanda que o pesquisador amplie seu repertório teórico e metodológico, como também que revise determinadas concepções, expandindo a verve crítica e preenchendo lacunas sobre um tema correlato.

O humor é facilmente definido como algo que faz rir; no entanto, quando se mergulha em seu universo, tem-se ciência de que nem todo humor suscita o riso e, devido a isso, o que precisa ser considerado pelos pesquisadores é não apenas a sua ambivalência, como também a sua produção e recepção, o que nos permite dizer que somos capazes tanto de produzir humor — por meio de técnicas como mímica e cursos de dramaturgia voltados à comédia, por exemplo — quanto de apreciá-lo, como acontece, por exemplo, nas paródias de letras de música.

Em termos acadêmicos, podemos sinalizar que deve haver uma pesquisa para a produção de humor e uma pesquisa (possivelmente diferente, mas complementar) para a percepção e apreciação do humor, sendo crucial “para os tradutores que se espera que estejam tanto na extremidade da percepção (TF [texto-fonte]) quanto na extremidade da produção (TA [texto-alvo])” (MATEO; ZABALBEASCOA, 2019, p. 140, tradução e colchetes meus⁴).

É preciso frisar, antes de tudo, que o humor é determinado segundo convenções de um determinado contexto sócio-histórico, como também é um domínio individual, em que pesam o gosto, a experiência e os valores

³ No original: “in the problems and shortcomings of Translation Studies and Humour Studies, despite the social, cultural, communicative and historical importance of both humour and translating practices.”

⁴ No original: “key for translators who are expected to be both on the perception end (ST) and the production end (TT)”.

diantedesse fenômeno. No âmbito acadêmico, Mateo e Zabalbeascoa assinalam que, devido a essa marca individual, há uma dificuldade em desenvolver pesquisas “muito mais tangíveis de comunicação e interação social; ademais, existe o fato de que o humor também é uma questão de grau e de qualidade, as coisas podem ser mais ou menos humorísticas e, independentemente, mais ou menos ruins ou boas” (MATEO; ZABALBEASCOA, 2019, p. 140, tradução minha⁵).

Uma vez que a tradução envolve uma mudança de cultura, o que era relevante no contexto original para interpretar um texto humorístico ou não precisa manter essa característica no novo contexto, ou pode ter uma extensão diferente. O tradutor, portanto, terá que ponderar sobre como essa transferência afetará a percepção dos novos destinatários, para que o humor não seja perdido na tradução, ou seja, não cause estranhamento ao seu leitor/espectador. Jeroen Vandaele (2019) já havia sinalizado uma possível dicotomia no que tange à tradução do humor: segundo ele, qualquer falha na tradução se torna visível, pois não se ri do humor que foi traduzido; contudo, para evitar a eventual falha da reprodução do sentido cômico, o tradutor de humor “tem que lidar com o fato de que as ‘regras’, ‘expectativas’, ‘soluções’ e acordos sobre ‘jogos sociais’ são muitas vezes específicos do grupo ou da cultura” (VANDAELE, 2019, p. 332).

O estudo das formas humorísticas pode ser realizado de forma separada, como no caso da abordagem dos trocadilhos, da agudeza, da ironia, da sátira e da paronomásia em textos literários e artísticos, mas, quando a tradução adentra este território, são estabelecidos métodos para o estudo e a realização de tradução de textos cômicos, tais como cortes e acréscimos de figuras de linguagem, de partes do texto, propostas de equivalentes e traduções literais, modulações, adaptações etc. Luiz (2016) registra que existem três alternativas para a tradução do humor: excluir o jogo de palavras ou a piada da narrativa – prejudicando a leitura e a compreensão do texto; traduzir literalmente a piada, comprometendo o teor cômico ali presente; ou adaptar a atmosfera do texto-fonte, tornando-a semelhante; todavia, o tradutor “tem de tomar tal decisão de caso em caso, e não há nenhuma regra simples para saber como lidar com estes tipos de situações” (LUIZ, 2016, p. 32).

⁵ No original: “more tangible elements of communication and social interaction; moreover, there is the fact that humour is also a matter of degree and quality, things can be more or less humorous and, independently, more or less bad or good.”

É preciso, portanto, analisar as obras levando em consideração o contexto social, histórico e cultural em que foram escritas, pois mesmo que acreditemos, como propõe a Estética da Recepção, que é o leitor, e não o texto, que se torna a figura-chave em nossa interpretação de uma obra literária, o sucesso do diálogo estabelecido entre o autor, o texto e o destinatário depende, em grande parte, de o texto ser ou não capaz de ativar sua percepção e capacidade de raciocínio.

A tradução pode, nessa perspectiva, permitir a comunicação entre duas culturas que antes estavam distantes, e o tradutor pode se tornar um intermediário entre a língua e a cultura. No entanto, esta comunicação depende em grande medida da interpretação do texto original pelo tradutor. O tradutor é o verdadeiro leitor do texto de partida e, ao mesmo tempo, o produtor do texto de destino. É por isso que o tradutor não pode ser um leitor de qualquer tipo, mas deve ser um leitor informado, que tenha o domínio dos idiomas em causa e os conhecimentos extralinguísticos necessários para administrar essa passagem de um texto ao outro.

A criação e a tradução humorísticas são duas atividades humanas ligadas por seu importante papel social, cultural, artístico e histórico. O que seria de nós se não pudéssemos contar com o humor ao longo de nossas vidas, e como seriam as sociedades sem a presença do riso? O que teria acontecido às várias culturas sem a mediação da tradução, que permitiu a comunicação entre elas e, assim, o seu enriquecimento e desenvolvimento?

Partimos do argumento de Patrick Zabalbeascoa Terran e José Martínez-Sierra (2019) de que a tradução do humor é um ofício estritamente humano e, conseqüentemente, pode-se dizer o mesmo de um enunciado humorístico. Com isso, os teóricos resgatam o princípio da fidelidade – termo problemático nos Estudos da Tradução – e tecem a crítica de que uma tradução linguisticamente exata é impossível, o que é aplicável ao campo da tradução do humor.

Como se impossível pudesse ser assim qualificado. Um viés menos cético limita-se em afirmar que a tradução é, em grande parte, difícil, desafiadora e, por vezes, aparentemente impossível, e a tradução do humor é um bom exemplo disso. Nesse sentido, a tradução do humor é um espaço ideal para testar qualquer teoria da tradução (ou do humor), e é similarmente tida como um exemplo da impossibilidade da tradução (MARTÍNEZ-SIERRA; ZABALBEASCOA TERRAN, 2019, p. 71).

Entre erros e acertos, todo o esforço de traduzir e reproduzir o efeito humorístico não merece ser desmerecido e descreditado. Tanto a tradução como o humor são fenômenos complexos por natureza e, apesar das inúmeras tentativas de se chegar a um consenso sobre o que são esses fenômenos, será difícil que se consiga um resultado satisfatório, nem para quem produz/traduz o humor e nem para quem recebe o texto humorístico traduzido, a não ser que se considere justamente sua diversidade.

O humor pode ser apenas verbal ou o resultado de outros tipos de códigos, como imagens, sons, gestos etc. Pode constituir a própria essência de um texto (no caso da comédia, da piada ou da poesia humorística) ou simplesmente aparecer como mais um elemento deste (como em romances, na literatura infantil, em tragédias, anúncios, canções e mesmo em filmes de vários gêneros). Além disso, como forma de comunicação humana, envolve uma fase de criação e outra de reconhecimento e valorização. Nos termos de Chiaro, o humor não se pauta somente na linguagem oral ou escrita; ele pode transitar também na linguagem digital, contendo conteúdo verbal e visual (CHIARO, 2018). Estamos numa era digital, na qual o principal dispositivo cômico que permeia as redes sociais é o *meme*, cuja definição plausível é proposta por Ryan M. Milner (2012), que afirma que os memes são “artefatos multimodais, onde imagem e texto são integrados para *contar uma piada*, fazer uma observação ou apresentar um argumento” (MILNER, 2012, p. 11, tradução e grifos meus⁶). No tocante à sua tradução, Chiaro levanta a seguinte questão:

Quando um meme cômico se torna viral, que tipo de tradução está envolvida? Uma tradução interlingual do conteúdo verbal é suficiente ou o meme também exigirá uma tradução intersemiótica de seu conteúdo não verbal? Essas questões são especialmente complexas quando se referem ao discurso humorístico. (CHIARO, 2017a, p. 471, tradução minha⁷)

Tudo isso afeta a complexidade da transferência de um *meme* para outro idioma. Transpondo essas questões para o contexto da tradução, podemos

⁶ No original: “multimodal artifacts, where image and text are integrated to *tell a joke*, make an observation, or advance an argument”.

⁷ No original: “Humorous texts no longer travel via word of mouth or in writing alone. Cyber humor travels via smartphones and tablets and often contains as much visual content as it does verbal content. When a comic meme goes viral, what type of translation is involved? Is an interlingual translation of the verbal content sufficient, or will the meme also require an intersemiotic translation of its non-verbal content? These issues are especially complex when they concern humorous discourse”.

sintetizar aqui três elementos básicos tanto para estudá-la quanto para aproximarmos dela: cultura, recepção e função. Como bem observou Delia Chiaro, a tradução do humor não reside apenas no viés interlinguístico, mas também no intercultural. Ela destaca que existem, em especial, quatro tipos de trocadilhos que podem causar dificuldades na tradução do humor:

Homonímia: sons e ortografia idênticos

Homofonia: sons idênticos e grafias diferentes

Homografia: sons diferentes e grafia idêntica

Paronímia: grafia e som ligeiramente diferentes

O humor também pode ser expresso ou complementado com características suprasegmentais, como tom de voz, imitação de sotaque, entonação, gestos, movimentos corporais, ou outros procedimentos, como ironia, paródia ou sarcasmo, cujos elementos semânticos e pragmáticos podem requerer maior esforço cognitivo da parte do chamador ou destinatário do texto.

Entretanto, os trocadilhos não são os únicos obstáculos que os tradutores podem encontrar. Alusão, ironia verbal, metáforas, usos sutis de humor e referências culturais podem falhar após serem traduzidos. As referências culturais podem causar dificuldades particulares, visto que figuras da cultura *pop*, livros, filmes ou fenômenos do dia a dia podem ser mal interpretados por um público estrangeiro, fazendo com que uma tradução direta não seja o caminho mais vantajoso a ser tomado.

A sátira é outro material difícil de traduzir, porque zomba de coisas que podem ser sagradas para a cultura alvo. Há uma chance de tradução eficaz, no entanto, dependendo da proximidade entre as culturas. É necessário, mas talvez difícil para um falante não nativo, reconhecer a sátira quando a vê. Sem talento para as conotações de um idioma, o humor pode ultrapassar completamente o entendimento de falantes não nativos.

A paródia, que é a zombaria de uma obra específica, está entre as coisas mais difíceis de serem traduzidas. Além das semelhanças culturais e linguísticas

necessárias, a obra literária que está sendo parodiada precisa ser comumente conhecida para que a paródia seja eficaz.

Todos esses exemplos apontam para o fato de que a tradução, e em especial a tradução do humor, demanda procedimentos interdisciplinaridades, recorrendo a “fontes comuns em abundância, incluindo as áreas mencionadas (linguística, estudos literários, semiótica e pragmática), além de outras, como sociologia, estudos culturais, antropologia e estudos da comunicação” (ZABALBEASCOA; MARTÍNEZ-SIERRA, 2019, p. 72).

Na tradução de uma piada ou de qualquer outro texto em que haja humor, a seleção de estruturas e itens fonéticos e lexicais precisará margem à transcrição de um efeito como o que é potencialmente, nunca é demais lembrar, provocado pelo texto de partida. Muñoz-Basols e Muñoz-Calvo cunham a expressão “equivalência humorística”, que consiste em “(re)produzir um componente ou efeito humorístico, ou de entretenimento, no texto de chegada com o objetivo de que o receptor seja exposto a ele e perceba tal efeito” (MUÑOZ-BASOLS; MUÑOZ-CALVO, 2015, p. 161, tradução minha⁸).

Porém, como muitos componentes pré-condicionam a informação humorística, é aí que surge o verdadeiro desafio do tradutor: determinar o grau de equivalência humorística a reproduzir no texto alvo, calibrar a adequação desta equivalência, tendo em conta os destinatários do texto e a adesão às convenções do gênero, assim como as limitações do texto base que está sendo traduzido. Por isso, dado o processo criativo que envolve a tradução do humor, tradutor deverá tomar decisões que o levem a ser capaz de (re)construir o humor, dando prioridade a alguns elementos e descartando outros.

Em uma perspectiva intersemiótica, quando se trata de traduzir o humor para a tela ou para o palco, a sincronização entre os componentes visuais e auditivos (voz e música) é um dos requisitos básicos, pois aspectos fonéticos como qualidade sonora, articulação vocal, ritmo e prosódia, bem como figuras de fala típicas dos gêneros cantados (aliterações, repetições, onomatopeias etc.) também devem ser levados em consideração. Com isso, diante do desafio colocado na tradução de jogos de palavras humorísticos na comédia musical,

⁸ No original: “[...] (re)producir un componente o efecto humorístico, o de entretenimiento, en el texto meta con el objetivo de que el receptor se vea expuesto y perciba dicho efecto”.

estabelece-se um processo consciente por parte dos tradutores na tomada de decisões.

No contexto da tradução teatral, por exemplo, Phyllis Zatlin adverte que o tradutor deve atentar-se aos tons que figuram no texto, pois no momento em que “os dramaturgos se desviam da linguagem padrão para obter certos efeitos, o tradutor também deve fazer o mesmo. Se o público da peça original rir de algo que alguém diz, ou ficar boquiaberto, o público da tradução também deve rir” (ZATLIN, 2005, p. 92, tradução minha⁹).

O jogo de palavras é um dos principais desafios que os tradutores enfrentam, já que muitas piadas dependem dele, mas ele pode facilmente se perder na tradução para um idioma diferente. Nesse grupo, os trocadilhos apresentam um desafio particular, como já se destacou, pois usam palavras que soam ou têm grafia semelhante, mas podem ter significados diferentes para um efeito humorístico. Para que o efeito tenha a repercussão desejada, é preciso considerar a sua representação em mais de um nível de análise (fonológico, sintático, semântico, pragmático etc.) e, no que tange à tradução, isso vem a se tornar tanto complicado como desafiador, pois traduzir o humor de um idioma e cultura para outro parte do pressuposto de que a tradução deve ser tão semelhante (quanto possível), original e engraçada como seu texto-base.

Sabemos que as investigações ou dúvidas sobre a tradução do humor são hoje muito mais relevantes do que antes, pois percebemos que os textos humorísticos têm um caráter forte que descreve os costumes e idiossincrasias de um povo, e que muitas vezes a qualidade desses textos traduzidos depende das estratégias linguísticas funcionais utilizadas para se atingir o grau de humor que o texto requer.

A partir deste tipo de abordagem e reflexão, devemos ter consciência de que, ao fazer uma tradução, é preciso considerarmos as diferenças culturais existentes no universo sociocultural dos textos humorísticos para encontrarmos soluções para essas possíveis transposições.

⁹ No original: “playwrights have deviated from standard language to achieve certain effects, the translator must do so as well. If the audience for the original play would laugh at something someone says, or gasp in dismay, the audience for the translation should too”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, acredita-se que é possível traduzir humor se tivermos a ciência de que a tradução nem sempre será tão divertida quanto o original, mas que não deixará de ser tão original quanto este, pois o propósito de despertar o riso do leitor/espectador precisa ser atingido. Contudo, é preciso ressaltar que o contexto cultural de produção e de recepção são distintos entre si e que isso causará impactos no decorrer da elaboração da tradução, como também será preciso localizar no texto-fonte e transpor para outro texto o aspecto ou aspectos humorísticos do primeiro, buscando reproduzir, duplicar ou, até mesmo, explicar, por meio de nota de rodapé, esses aspectos.

Para entender mais ou menos como a tradução funciona, podemos recorrer à “metáfora da ponte”. Este paralelismo pode ser explicado imaginando como a travessia de um rio por uma ponte dura e sólida nos permite chegar com segurança ao outro lado, deliciando-nos com o simples fato de atravessar a ponte, olhar rio abaixo, contemplar a paisagem e, por fim, desfrutar da experiência. Se a estrutura desta ponte for segura, uma boa tradução permite que o destinatário do texto se deleite com a leitura, transfira-a para a cultura de destino e desfrute de uma experiência agradável. Uma má tradução, ao contrário, nos impedirá de ter acesso fácil à cultura alvo e tornará essa jornada um percurso cheio de obstáculos e momentos de incerteza que nos impedirão de desfrutar plenamente o texto traduzido.

Entendendo a tradução como um texto que medeia os públicos fonte e alvo, é necessário se refletir sobre até que ponto o trabalho do tradutor é “intermediário” entre a língua e a cultura no contexto do humor. As peculiaridades dos textos humorísticos e a criatividade associada ao humor e, por extensão, à sua tradução, implicam constantes tomadas de decisão, tanto do ponto de vista linguístico quanto cultural.

Dentre essas decisões, encontra-se a opção pelo uso das diferentes formas de processamento do texto: como vimos, o tradutor pode optar por se adaptar ao texto original o máximo possível, por selecionar apenas alguns elementos para suprir a falta de equivalência de humor, por reconstruir o humor de uma forma diferente ou omiti-lo completamente, ou, ainda, por combinar essas possibilidades. Essas decisões colocam em questão a visão de que o tradutor seria um mero mediador, pois, no caso do humor, é preciso que ele encontre soluções que envolvem certo grau de criatividade, o qual pode produzir aproximações, mas, ao mesmo tempo, distanciamento entre línguas e

culturas. Para obter sucesso na tradução de um texto para o palco, a tela de cinema ou a página de um livro, por exemplo, o tradutor precisa se posicionar simultaneamente como leitor e espectador, imaginando as ações dos atores no tempo e como estas ações são transmutadas em palavras, em imagens, em sons, visando assim a causar risos em seu público-alvo.

Os estudos da tradução do humor apontam também para a existência de alguns métodos de trabalho que podem ser explorados. É o caso das etapas que podem ser seguidas para se conseguir um bom resultado e, com ele, a manutenção do riso do público. Quando se trata de piadas que têm uma divisão cultural, por exemplo, um tradutor pode inventar piadas que atendam à nova cultura-alvo, o que pode ser mais eficaz do que simplesmente traduzir a piada original. Da mesma forma, em casos de humor com jogo de palavras, pode ser necessário que o tradutor o reescreva de forma a garantir seu funcionamento no idioma de destino. Além de ter atenção ao componente verbal, outra etapa a ser considerada pelo tradutor é a relevância social do texto a ser traduzido e o grau de humor por ele apresentado. No caso de textos imagéticos, ou verbo-visuais, é preciso atentar para as maneiras pelas quais a relação entre palavra e imagem gera o efeito humorístico desejado.

O que se percebe, portanto, é que a tradução de humor não é uma tarefa simples, e exige do tradutor vários rascunhos e incontáveis edições para acertar o tom pretendido e alcançar o efeito das piadas originais. Com o conjunto de habilidades adequado e ética de trabalho, os tradutores podem fazer seu trabalho e provocar uma ou duas risadas no processo. Às vezes, a tradução consegue, se não ultrapassar, pelo menos corresponder a toda a essência humorística do original.

Este estado da arte da tradução de humor não poderia ser concluído sem que fosse destacado, portanto, o papel do tradutor nesse processo, o qual requer não só um domínio elevado das duas culturas e línguas envolvidas, mas também uma boa dose de sensibilidade, competência, criatividade e, evidentemente, senso de humor.

Destaque-se ainda que esse estado da arte evidencia que o tema está longe de ser esgotado, havendo muitos tópicos a serem estudados e linhas de pesquisa a serem desenvolvidas. Como bem ressaltam Mateo e Zabalbeascoa (2019), o ponto de partida para o desenvolvimento dessas reflexões parece ser a colaboração entre os Estudos do Humor e os Estudos da Tradução, pois ambos

os fenômenos demonstraram ser capazes de transpassar as fronteiras nacionais, culturais e textuais, ampliando cada vez mais a percepção do leitor deste fenômeno da linguagem tão complexo e rico, como se procurou aqui demonstrar.

Nota-se que as pesquisas acima citadas trabalham em maior parte com as literaturas estrangeiras, o que poderia induzir o leitor a acreditar que o tema não é estudado no Brasil. Ao contrário: há muito o que se discutir sobre esta correspondência tão rica entre tradução e humor no Brasil, por meio de pesquisas de caráter instigante para pesquisadores da área de tradução, como também do humor em si, não somente com as literaturas e línguas estrangeiras, mas com a nossa própria língua e literatura, na qual os trabalhos de nomes significativos podem suscitar questões tradutórias, como os esquetes de Paulo Gustavo e Chico Anysio; os programas humorísticos *Porta dos Fundos*, *Terças Insanas*, *Zorra Total*, *Escolinha do Professor Raimundo*, *A Grande Família* e *Os Trapalhões*; os *stand ups* de Afonso Padilha, Bruna Louise, Renato Albani, Marcio Donato; a literatura de Machado de Assis, Martins Pena, Luís Fernando Veríssimo, Millôr Fernandes; as piadas de Ary Toledo, entre outros.

Espera-se que, com este texto, possamos ter dado uma contribuição para o campo dos estudos da tradução do humor no Brasil, o qual, embora tenha se aprofundado nas literaturas ocidentais, tem muito a enriquecer com a nossa própria produção de sentido do cômico e que, com essas produções nacionais, possam os pesquisadores e tradutores se empenharem em traduzi-las de forma intercultural, sociolinguística, cênica, visual, para que outros países vejam o quão rico o Brasil é em termos de humor e merece ser apresentado a outros povos, outras línguas e culturas.

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. **O signo desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas: Pontes, 1992.

ATTARDO, Salvatore. Translation and Humour: An Approach Based on the General Theory of Verbal Humour (GTVH). In: VANDAELE, Jeroen (ed.). **Translating Humour**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002. p. 173-194.

BREZOLIN, Adauri. Humor: é possível traduzi-lo e ensinar a traduzi-lo. **Tradterm**, São Paulo, v. 4, n. 1, 1997.

CARMELINO, Ana Cristina. **Humor**: eis a questão. São Paulo: Cortez, 2015.

CARMELINO, Ana Cristina; RAMOS, Paulo (org.). **Gêneros Humorísticos em Análise**. Campinas: Mercado de Letras, 2018.

CESCO, Andréa. **Sueños y Discursos, de Quevedo**: barroco, sátira e tradução. 2007. 208f. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

COSTA, Daniel Padilha Pacheco. Humor em tradução literária: os legados burlescos de François Villon. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 22, 2018, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF**, RiodeJaneiro,v.XXII,n.03,tomo II, p. 485-492, 2018^a.

COSTA, Daniel Padilha Pacheco. A primeira “balada em jargão”, de François Villon, em tradução. **Remate de Males**, Campinas, v. 38, n. 2, p. 534-552, 2018b.

HOLMES, James. The Name and Nature of Translation Studies. *In*: HOLMES, James (ed). **Translated!** Paper on Literary Translation and Translation Studies. Amsterdam: Rodopi, 1972. p. 66-80.

KAROSS, Luciana. **A tradução da comédia teatral em *The Importance of Being Earnest***: tradução comentada e anotada. 2007. 239f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

LINS, Maria da Penha Pereira; CARMELINO, Ana Cristina (org.). **A linguagem do humor**: diferentes olhares teóricos. Vitória: UFES, 2009.

LUIZ, Tiago Marques. **“Cava a coval!”**: descrevendo o humor da cena dos cozeiros de *Hamlet* em duas traduções brasileiras. 2013. 132f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

LUIZ, Tiago Marques. Tradução de humor: algumas considerações. **Transversal – Revista em Tradução**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 19-34, 2016.

MARTÍNEZ-SIERRA, Juan José; ZABALBEASCOA TERRAN, Patrick. O humor como problema de pesquisa em Estudos da Tradução. Tradução de Tiago Marques Luiz. **Caleidoscópio: literatura e tradução**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 70-86, jun./dez. 2019.

MARTINS, Márcia do Amaral Peixoto. A instrumentalidade do modelo descritivo para a análise de traduções: o caso dos Hamlets brasileiros. 1999. 318f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

MARTINS, Marina Farias. **Aptly Fitted and Naturally Perform'd: Dramatic Performativity and the Study of Humor** in Patrícia Fagundes's *AMegera Domada*. 2012. 137f. Dissertação (Mestrado em Letras: Inglês e Literaturas Correspondentes) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

MATEO, Marta; ZABALBEASCOA, Patrick. Translation and Humour. *In*: VALDEÓN, Roberto A.; VIDAL, Carmen África (ed.). **The Routledge Handbook of Spanish Translation Studies**. London and New York: Routledge, 2019. p. 139-156.

MÖDINGER, Carlos Roberto. **Da Página ao Palco: texto e cena** em *Sonho de uma noite de Verão*. 2006. 110f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MUÑOZ-BASOLS, Javier; MUÑOZ-CALVO, Micaela. La traducción de textos humorísticos multimodales. *In*: IBÁÑEZ, María Azucena Penas. **La traducción**. Nuevos planteamientos teórico-metodológicos. Madrid: Síntesis Editorial, 2015. p. 159-184.

POMPEU, Ana Maria César. Resenha: Aristófanes. "As Aves". Tradução, introdução, notas e glossário de Adriane da Silva Duarte. **Letras Clássicas**, São Paulo, v. 4, p. 365-366, 2000.

POMPEU, Ana Maria César. Tradução: excerto de *Assembleia de Mulheres*, de Aristófanes. **Transversal - Revista em Tradução**, v. 2, n. 1, p. 84-87, 2016.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

POSSENTI, Sírio. **Humor, Língua e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

RAMOS, Paulo. **Faces do Humor: uma aproximação entre piadas e tiras**. Campinas: Zarabatana Books, 2011.

ROSAS, Marta. **Tradução de humor: transcriando piadas**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ROSAS, Marta. Por uma teoria da tradução do humor. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, n. 19, v. especial, p. 133-161, 2003.

RUFFINI, Franco. A cultura do texto e a cultura do palco. *In*: BARBA, Eugenio; SAVARESE, Nicola. **A Arte Secreta do Ator**. Tradução de Luis Otávio Bournier, Carlos Roberto Simioni, Ricardo Puccetti, Hitoshi Nomura, Márcia Strazzacapa, Waleska Silverberg e André Telles. Campinas: Editora Universidade Estadual de Campinas, 1995. p. 238-243.

SANTOS, Roberto Elísio; ROSSETTI, Regina (org.). **Humor e riso na cultura midiática: variações e permanências**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SANTOS, Roberto Elísio. **HQs de Humor no Brasil: variações da visão cômica dos quadrinhos brasileiros (1864-2014)**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2014.

SANTOS, Roberto Elísio. **Uma revista muito louca: análise do humor da MAD Magazine**. São Paulo: Criativo, 2015.

SCHMITZ, JohnRobert. Humor: é possível traduzi-lo e ensinar a traduzi-lo? **Tradterm**, São Paulo, v. 3, 1996.

SCHMITZ, John Robert. Sobre a tradução e o ensino: o humor levado a sério. **Tradterm**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 41-54, 1998.

SILVA, Rafael Ferreira; ARAÚJO, Ana Cláudia do Nascimento. Traduzindo o humor multilíngue de Andrea Camilleri. **Revista Italiano UERJ**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 84-97, 2018.

TORRES, Marie-Hélène. Por que e como pesquisar A tradução comentada? *In*: FREITAS, Luana Ferreira; TORRES, Marie-Hélène; COSTA, Walter (org.). **Literatura traduzida**: tradução comentada e comentários de tradução. Fortaleza: Substância, 2017. v. 2. p. 15-37. (Coleção Transletras).

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Homonímia, mundos textuais e humor. **Organon**, Porto Alegre, v. 9, n.23, p. 41-50, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Uma introdução ao estudo do humor pela lingüística. **DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 6, n.1, p. 55-82, 1990.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Maceió, v. 5-6, p. 42-79, 1989.

VANDAELE, Jeroen. O humor na tradução. Tradução de Tiago Marques Luiz. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 39, n. 2, p. 326-338, maio/ago. 2019.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da Tradução**: por uma ética da diferença. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. São Paulo: Editora da UNESP, 2019.

VENUTI, Lawrence. **Invisibilidade do Tradutor**: uma história da tradução. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. São Paulo: Editora da UNESP, 2021.

Recebido em 20/09/2021

Aprovado em 28/01/2022